



Fonte ISTO É
 Data 14/2/96 Pg 40
 Class. guarani / SP final

1432

INDIOS

Destino no tribunal

Funcionária pública pede na Justiça guarda provisória do menino albino rejeitado pela tribo

EUNICE PINHEIRO

Disposta a jogar todas as suas fichas na adoção do índio guarani Vanderlei Fernandes, que completará quatro anos em abril, a funcionária pública Rojane Couto Souza bateu às portas da Justiça. Na terça-feira 6, ela entrou com pedido de guarda provisória de Vanderlei na Vara da Infância e Juventude de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo. "Já estamos afetivamente ligados", avalia Rojane. "Posso ajudá-lo a superar as dificuldades que vem enfrentando." Entre os documentos entregues à Justiça, Rojane anexou exemplares das edições 1373 e 1375 de ISTOÉ, com relatos sobre a história do pequeno índio, que é albino. Juntou ainda um abaixo-assinado, no qual 1.640 moradores da cidade apóiam sua iniciativa e protestam contra a Funai. O presidente da entidade, Márcio Santilli, defende que o destino de Vanderlei seja decidido pelos guaranis de São Sebastião. Leitores de ISTOÉ em todo o País também se manifestam sobre o caso. Das 25 cartas que chegaram à redação na última semana, apenas duas são contrárias à adoção. "O melhor para Vanderlei é ser adotado por Rojane", escreveu Lia Sérgia, de Feira de Santana, na Bahia. "A não ser que a Funai queira ensinar genética aos índios."

Único caso de albinismo em sua aldeia, Vanderlei foi rejeitado pela tribo e por sua própria mãe desde que nasceu. Devido ao tratamento inadequado que recebia, esteve internado em diversos hospitais. Em agosto do ano passado, em uma de suas temporadas de tratamento hospitalar, Rojane começou a visitá-lo diariamente. "Tentei convencer o sr. Márcio Alvim a deixar-me cuidar do

garoto, sem encontrar boa vontade", lembra Rojane, referindo-se ao chefe do posto da Funai na região. Só que em dezembro Vanderlei foi transferido para a Casa do Índio, no Rio de Janeiro, para fazer novos exames médicos, pois apresenta desenvolvimento mental de 18 meses, além de dificuldades para falar e andar. A instituição dificilmente poderá ajudá-lo. Tra-



ALBUM DE FAMÍLIA

Cartas de leitores e Rojane com o índio: intransigência da Funai

ta-se de um abrigo para índios doentes, mais da metade deles com problemas mentais.

No que depender da Funai, Rojane e seu marido, o advogado Ronaldo de Souza Júnior, enfrentarão problemas. O representante da entidade em São Sebastião acredita que "lugar de índio é na aldeia". O adolescente Lúcio Anderson Calheiros Silva, adotado por um casal branco há 12 anos, discorda. Índio tikuna, Lúcio vivia nas imediações do Grupamento do Exército em Ataliba do Norte, na divisa brasileira com a Colômbia e o Peru. Sua mãe, abandonada pelo marido, lavava roupas para os militares. De tanto frequentar o local em busca de comida, Lúcio acabou afeiçoando-se a um oficial do Exército. Tinha

dois anos quando o avô sugeriu ao oficial que o adotasse. Depois das providências legais, o militar levou Lúcio para Brasília, onde morava sua mulher, Maria José Calheiros Silva, e cinco filhos, todos adultos. Hoje na sexta série do Colégio Militar, Lúcio visitará os tikunas nas próximas férias escolares, mas não planeja viver na aldeia. "Sou feliz aqui", diz. ■

Icarafma, 26 de Janeiro de 1996.

SENHOR DIRETOR:

O que estão fazendo é um crime, e a justiça tem que dar atenção à esse problema urgentemente.

Rose Mary
ROSE MARY

Feira de Santana, 02/02/96.

O melhor p/ Vanderlei é ser adotado por Rojane. Não ser que a Funai queira ensinar genética aos índios.

Lia Sérgia

Golânia, 26 de janeiro de 1996.

Senhor diretor,

manência na aldeia, acha que o sol lhe faz bem. Mesmo que todos os índios da aldeia concordem em recebê-lo de volta, não lhe será oferecido tratamento especial por causa da falta de melanina em sua pele. Além do que, o pequeno índio não terá o tratamento do trauma psicológico que a aldeia lhe impôs.

Atenciosamente,

HELOISA MARIA DA SILVA ANDRADE
 ROSIRENE BORGES RODRIGUES DOS SANTOS